

País volta a ter produção

Getúlio Vilanova

mia

domingo, 12/3/89 □ 1º caderno □ 31

econômica negativa em 88

Kido Guerra

O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) divulga, essa semana, os números definitivos da produção econômica do país em 1988 que, depois de quatro anos, volta a ter uma variação negativa (entre 0,3% e 0,5%) em relação a 1987. É o terceiro pior resultado da década (inferior apenas às recessões de 1981 e 1983), e revela o grau de estagnação da economia.

A taxa negativa de variação do PIB vem aliada a uma redução da taxa de investimentos (de 17,1%, em 1987, para 16,1%, segundo estimativa do Instituto de Pesquisas da Secretaria do Planejamento, refletindo uma tendência de queda desde o primeiro trimestre de 1987), e é inferior à previsão inicial do IBGE que, no final do ano passado, com base no desempenho da atividade econômica até outubro, estimou em 0,04% (praticamente nulo, portanto) o crescimento da economia em 1988. Essa diminuição também amplia a queda (antes estimada em 1,9%) do PIB per capita para quase 2,5%, levando-se em conta o crescimento de 2,1% da população brasileira durante o ano.

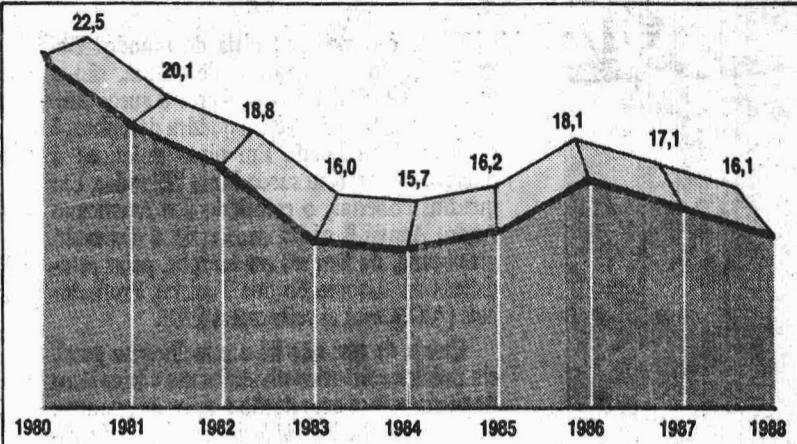
A taxa negativa é uma decorrência, sobretudo, do acentuadamente fraco (e inesperado) desempenho da produção industrial nos últimos dois meses do ano — só em novembro, a atividade industrial caiu 7,0%, um resultado considerado sazonalmente atípico. Como consequência, a previsão inicial de uma retração global de 2,23% da indústria foi alterada para uma taxa superior a -2,6% (que foi a última estimativa do Inpes). O fraco desempenho do setor concentrou-se, basicamente, no segmento da indústria de transformação (uma queda superior a 3%).

Queda — Outro agravante veio em decorrência da revisão dos números relativos ao desempenho da atividade agropecuária — de um crescimento mínimo de 0,06% para uma diminuição estimada em 0,55%, em parte por causa da elevada base de comparação, mas também em consequência da queda prevista de 1,7% para as lavouras e produção de aves (-4,6%) e suínos (-6,6%).

Foi o setor de serviços (comércio, transportes, comunicações, instituições financeiras e serviços de atividade pública) que, na composição final do PIB, assume uma participação recorde superior a 50%, segurou o nível de atividade da economia em 1988, devendo fechar o ano com uma variação superior a 1,5%, puxada, basicamente, pelo setor de transportes e comunicações que cresceram, respectivamente, cerca de 5% e 10%.

Esse resultado deverá atenuar o impacto da queda acumulada de quase 3,3% da indústria e da agropecuária, pois segundo técnicos do IBGE, esse segmento tem crescido, nos últimos anos, acima da média da economia global, o que determina a ampliação da participação percentual do setor nas comparações ano/ano anterior. No entanto, a expansão dos ser-

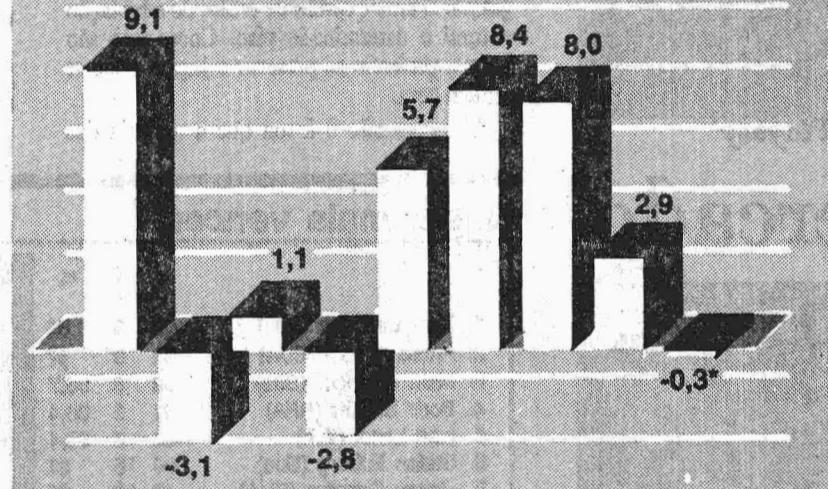
Formação bruta de capital fixo (na década)



Fontes: IBGE e INPES/IPEA

Beatriz

Produto Interno Bruto (variação na década)



(*) Previsão INPES/IPEA

Produto Interno Bruto

(Taxa de crescimento/acumulado 12 meses)

SETORES	Observada	Previsão
	1988(*)	1989
Agropecuária	-0,7%	-1,9%
Indústria	-2,6%	-3,1%
Serviços	1,5%	1,9%
PIB — TOTAL	-0,3%	-0,4%

(*) Preliminar

Elaboração: INPES/IPEA

Formação Bruta de Capital Fixo

Trimestre	Taxa de Investimento	
	Acumulada 12 meses	No trimestre
I 1987	18,3	18,2
II	18,1	17,4
III	17,6	16,5
IV	17,1	16,4
I 1988	16,7	16,7
II	16,4	16,2
III	16,2	15,7
IV	16,1	15,7

ELABORAÇÃO: INPES/IPEA

viços não foi suficiente para impedir uma variação negativa do PIB, que deverá se repetir ao longo do primeiro semestre, levando-se em conta as projeções do Inpes.

Taxas negativas — Com base em modelos de séries temporais, essas projeções, especificamente para o setor industrial, sugerem a manutenção do quadro recessivo nos próximos meses e a estabilização da taxa acumulada em 12 meses do índice de produto da indústria num patamar negativo, superior a 3%.

Em termos globais, as projeções apontam para uma relativa estabilização dessa quase estagnação até o segundo trimestre do ano, caracteri-

zada por taxas de variação acumulada em 12 meses do PIB próximas a 0,4%, na melhor das hipóteses. Isto porque essas previsões ainda não consideram os impactos decorrentes da implementação do Plano Verão, de característica nitidamente recessiva, sobretudo em relação à preconizada necessidade de um controle rígido da demanda agregada na fase inicial do programa de estabilização.

Segundo o Inpes, a evolução do PIB, este ano, caminha para obtenção de uma variação negativa no primeiro (-0,3%) e no segundo (-0,4%) trimestres, ainda em consequência da esperada manutenção do ritmo de desaquecimento da produção industrial.